

Journal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros.....	2\$500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	1\$300 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I—11 DE SETEMBRO DE 1881—N.º 30 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros.....	1\$000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	500 "
Trimestre ou 13 ".....	250 "
Avulso.....	200 "

SUMMARY

GRAVURAS:—O passeio de Leopoldo, Spa; A cigana do pandeiro; Carlos I no cadafalso; Alguns typos de alienados.

TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; O domingo historico, por A. O.; O collar de perolas, por Gervasio Lobato; Horas de ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

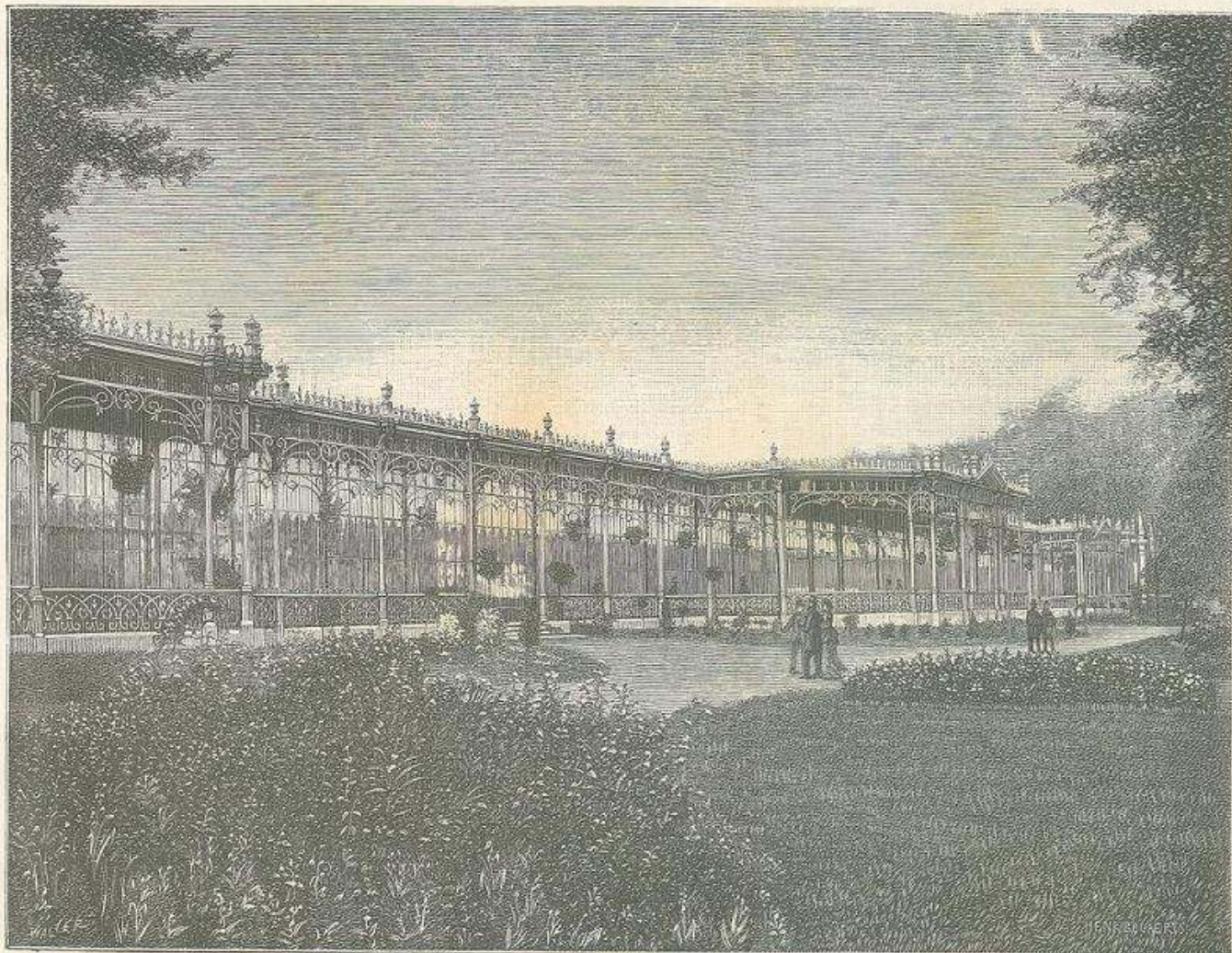
ACTUALIDADES

Se o proverbio francez *Pas de nouvelles, bonnes nouvelles*, não tivesse sido inventado expressamente para desculpar os *reporters* exhaustos de assumpto —

dades garantiu por forma tão incontestavel a prosperidade d'um paiz.

Dado o balanço á semana ultimamente decorrida — sabem o que eu posso inscrever na columna *Haver do meu Livro caixa* de jornalista? — Um aguaceiro!

dação ou mesmo ainda uma simples pancada de agua — eu me encarregaria de extrahir d'esse acontecimento a porção de prosa sufficiente para encher uma columna. O leitor não imagina o partido que se pôde tirar de qualquer procellasita de segunda classe. O litterato mais incolor — e com esta phrase eu



O PASSEIO LEOPOLDO, SPA.

eu não tinha senão parabens a dar-lhe, querido leitor, porque nunca ausencia mais completa de novi-

E ainda assim, se fosse um phenomeno metereologico importante, se fosse um diluvio, uma inun-

não quero fazer a menor allusão a qualquer dos redactores do *Diario de Noticias*, — tem pelo menos

uma dúzia de imagens, umas mais velhas do que as outras, para descrever este caso. Ha a conhecida lata para fazer os trovões; ha uma adjectivação sombria para dar a impressão do horizonte *onde não luz uma estrella*, se a scena se passa de noite, *onde não brilha uma nesga de azul*, se o caso se passa de dia. Depois, a grandes traços de nankim, desenha-se o dorso das nuvens, que, por muito pallido que seja o estylo de quem escreve, pode ser *cicatrizado de relampagos*—imagem que me parece nova, apesar de eu ter uma vaga ideia de a haver lido já em qualquer author classico—no padre Antonio Vieira ou no sr. Cesar do Inso. Em seguida, um bocadinho de febre, uma certa excitação de tropos, algumas onomatopéias espalhadas aqui e acolá, podem reproduzir toda a furia de elementos, a orquestração das forças em lucta, as arcadas que troam *nos contrabaixos dos rochedos*, e os silvos que brotam *dos pifanos do vendaval*. E ahí estão pelo menos tres grandes tiras de papel cheias de ambos os lados com esse estylo precioso e sonoro que por ahí vulgarmente rula no vigoroso zabumba do jornalismo nacional.

Mas um aguaceiro, como o que orvalhou hontem, um aguaceiro que não passou afinal d'uma brisa humida, um aguaceiro que fez tremer de jubilo o numeroso partido progressista, julgando que era o sr. Braamcamp a desfazer-se em rocio—o que vem a succeder mais cedo ou mais tarde—um aguaceiro que durou cinco minutos e que nem mesmo chegou a fazer desabrochar o cogumelo d'um guarda-chuva, merece porventura as honras de encher uma columna de prosa—elle que não conseguiria talvez encher um calix? Não, elimine-se inflexivelmente esse chuva rachitico e sequioso, sobre o qual eu por caridade, deitei a porção de tinta necessaria—para o humedecer.

Mas não é tão facil sahir d'este aguaceiro como a primeira ista parece. Sahir, indica simplesmente a acção previa de *entrar*. Cito Casti, para provar esta minha arrojada affirmativa:

L'asino uscì; dunque v'entrò.

Mas *sahir* impõe tambem d'um modo irresistivel ao espirito esta pergunta inquieta—*Para onde?* Eu estou nas circumstancias d'um sujeito que, em aventura amorosa, se achasse collocado sobre o peitoril da janella d'um quinto andar e a quem um marido ultrajado dissesse, com o rosto pallido, uma voz terrivel e um *revolver* ameaçador:—*Saia!*

Saia? É bom de dizer? Para onde demonio hei de eu sahir, fazem-me o favor de me dizer? Para diante, tenho o vacuo insondavel, silencioso, tenebroso, d'uma semana idiota, de sete dias sobre os quaes parece haverem passado Attila e seus exercitos. Para traz, ha o mesmo aguaceiro por onde entrei. Querem que lhe torne a fallar do aguaceiro e que a minha chronica se converta n'uma parodia á celebre e interessante historia do *Waywoden*? Não de convir que é massador! Demais a mais um aguaceiro completamente desacreditado! Não, antes a morte!

Ainda se a *Mascotte* já estivesse em scena!

A *Mascotte*! O *Theatro da Trindade*! O *Eduardo Garrido*! Mas onde tinha eu a cabeça! Porque não comecei eu logo a fallar-lhes d'isto? Ah! desgraçado! Que importa que a *Mascotte* esteja ainda a ensaios? O seu author, isto é, a pessoa que a traduziu, porque Eduardo Garrido tem a habilidade de *fazer* as peças que traduz—a tal ponto as transforma, a tal ponto espalha n'ellas aquella *poudre d'or* de que fallava Alexandre Dumas n'um processo de plagiato, referindo-se ao seu proprio estylo com aquella honrosa vaidade que era o fundo do seu caracter—o seu author é que já não está a ensaios, o seu author

é sempre uma actualidade, porque é sempre um triumphador, um filho querido da fortuna, um Kleber do applauso, da victoria, da ovação ruidosa e estridente.

Porque não hei-de eu esboçar aqui o seu perfil?—tanto mais que elle nos fez a fineza de acrescentar ás qualidades que o tornam sempre um assumpto, a circumstancia especial de *ser um recém-chegado*.

Eduardo Garrido possui uma das physionomias mais intelligentes e sympathicas que eu conheço. Tenho pena de não haver adoptado um pseudonymo feminino para ter o direito de lhe chamar um *rapaz bonito*. Infelizmente para elle — e para *ellas* — o habito dos victorias... theatraes, a placidez do seu espirito e a phlegma, o invejavel sangue frio que elle oppõe a todas as contrariedades da vida, forneceram-lhe a acquisição d'um certo... abdomen, que elle teve a imprudencia de aceitar. Ainda hoje não posso perceber como é que o Garrido cahiu n'uma d'essas.

Elle deveria ter recusado com toda a energia esse abdomen traiçoeiro. Um abdomen percebe-se n'um conselheiro, n'um juiz do supremo tribunal, n'uma pessoa de profissão pacifica, n'um major, por exemplo! Mas n'um litterato, n'um fino artista, n'um frequentador de *foyers*, n'um author dramatico! Ah! meu caro Garrido, no theatro as duas unicas pessoas a que se pôde tolerar um abdomen são o empresario — e o galan. E o meu amigo, que nos conste, não aspira as glorias de Bordenave, nem costuma, nos finais de acto, quando o tyranno, pretendendo contrariar a ingenua, brada:—*Ninguém te pôde arrancar dos meus braços! És minha!* entrar, embuçado n'um manto, exclamando:—*Ainda não, cavalheiro!*

Por isso meu caro, embora você negue e me responda, como fez, ha dois dias, com o seu gesto mysterioso:—*Eu nem o sinto!* eu é que o não acredito e não posso deixar de derramar sobre a sua elegancia comprometida e prestes a expirar, estas phrases sentidas:—*Tão joven! tão vicedoira! Ceifada em tão verdes annos! Ah! quão breve foi tua existencia!*

Porque é necessario que o saibam, o mais representado de todos os authors dramaticos portuguezes pouco mais tem de 30 annos... e tantos. A sua individualidade original em extremo, escapa á fixação pela penna, em virtude da delicadeza do seu contorno. Como dar a impressão, da sua maneira tão excêntrica de se exprimir, de *scandar* as phrases, pausadamente, em voz tão baixa que é necessario por vezes obrigal-o a repetil-las, dos seus gestos mysteriosos, com o dedo erguido a descrever um movimento em helice, como quem quer segurar uma idea secreta, um plano envolto nas brumas da simples theoria — *aparafusando-o?*

Apesar de não ser acompanhada por estallos de voz, por gesticulações arrebatadas e violentas, por attitudes de effeito e destinadas a fazer valer os ditos — a *cerve* de E. Garrido nem por isso deixa de ser inextinguivel e poderosa. Ninguém como elle sublinha a phrase pelo traço do olhar, ninguém como elle a põe em *italico* pela inflexão. A mais sensaboraneda, coada através do prisma da sua expressão pessoal, irisa-se de scentelhas de hilaridade, enche-se de cor, de jovialidade e de alegria.

Eduardo Garrido tem além de outras qualidades artisticas a prenda incalculavel de *ser feliz*. Só quem conhece o mundo do theatro, isto é, o local de mais enguigos, de mais superstições, de maiores pavores, que existe na terra — é que pôde comprehender o alcance extraordinario d'esta circumstancia especial. Ser feliz equivale a poder pôr em scena as peças mais perigosas, mais precursoras de derrota, mais predes-

tinadas a *fascos* medonhos — e obter cem representações successivas, por entre tempestades de applausos; é encontrar os theatros abertos de par em par; é ter costellas quebradas com abraços dos empresarios — todos elles pessoas ternas, quando a casa está cheia; é ser o idolo dos actores — o que é mediocre, e das actrizes — o que é sensibilizador.

Manda porém a verdade que se diga que Eduardo Garrido merece bem esta predilecção da fortuna. Ninguém como elle conhece melhor o publico, ninguém como elle trabalha o genero a que se dedicou. E se a *Grã-Duquesa* não basta para o provar, ahí está a porta a *Mascotte*, para tirar todas as duvidas.

Agora, meu caro Garrido, perdõe-me você este *réclame* feita á sua peça e este ataque feito á sua modestia — mas eu devia-lhe bem isto depois d'aquelle passeio que demos a Belem e em que você fez as nossas delicias com o seu bello humor e as suas deliciosas anedoctas. Esse passeio já foi o assumpto d'uma correspondencia minha para a *Folha Nova*. Tem dado de si o tal passeio. Verdade é que não se poderia inventar outro mais agradável — se não fosse aquelle maroto do Gervasio ter roubado o nosso frango. Um frango magnifico que devia ser para nós sete! Isto é, elle para quem devia ser era para nós dois, para mim e para você, Garrido. E olhe que é por você estar presente, porque, verdade, verdade, você recordasse, o frango, em boa justiça, — tinha-o ganho eu!

IRIEL

AS NOSSAS GRAVURAS

O PASSEIO LEOPOLDO, EM SPA. — Conhecem todos, pelo menos de nome, Spa, a formosa cidade belga de banhos ferruginosos frios, que attrahem todos os annos milhares de estrangeiros. Tambem a administração municipal faz tudo quanto é necessario para chamar alli os visitantes e para fazer d'aquella cidade um sitio encantador. Não ha muitos annos ainda construíram o passeio Leopoldo, longa galeria envidraçada, onde os passeantes podem descansar ao abrigo do sol e da chuva, e que é, como se pôde ver na gravura, de uma elegancia extrema.

A CIGANA DO PANDEIRO. — Estranha raça é esta. Como os judeus, vivem em toda a parte, conservam como elles a sua lingua, as suas tradições, as suas crenças ou antes o seu scepticismo religioso, mas mais do que elles ainda se conservam afastados dos povos entre os quaes vivem, não se misturando com elles, vivendo n'um isolamento bisonho, e levando consigo o seu mysterio que elles mesmos não sabem decifrar.

Vieram do Egypto, é o que parece mais provavel, e um dos ultimos investigadores, que se têm occupado d'esta raça nomada, mr. Barrow, suppõe que ella será originaria da Persia, e que por muitos annos houvesse residido no Egypto. Já se chegou a affirmar que eram os descendentes d'aquelles soldados de Cambyzes que invadiram o Egypto e quebraram o nariz ás estatuas dos deuses. Nas canções populares dos ciganos, unico monumento historico d'essa raça estranha, cuja lingua se transmite oralmente de paes a filhos, n'essas canções populares transparece a saudade do Egypto.

«O paiz de Chal (o Egypto) eras a nossa querida patria, onde viviamos na plenitude dos nossos gozos, sem trabalhar, até que a nossa sorte foi a de nos dispersarmos por todos os paizes. Agora os nossos corações são obrigados a beber as tuas aguas, ó Guadiana!

«Os nossos cavallos que deveriam dessedentar-se n'um só rio, n'aquelle que brilha, atravessando o

Chal, debaixo do doce olhar do sol, são agora obrigados a beber em todos os rios menos n'esse.»

Mas não são egypcios contudo; evidentemente pertencem a uma raça distincta, e um dos motivos porque se imagina que tiram a sua origem da Persia, é porque a sua occupação predilecta é a de alquiladores de cavallos, o que parece mostrar que são de um paiz onde os cavallos abundavam e effectivamente a Persia foi sempre abundantissima d'elles.

Seja qual fôr o segredo da sua origem, o que é certo é que não ha povo mais original. No meio da civilização vivem como se estivessem no meio de um deserto, obedecem a chefes especiaes como uma verdadeira tribu nomada, e conservam-se escrupulosamente arredados das raças europeas. As filhas das suas tribus são muitas vezes formosas, de uma formosura estranha e selvagem, que por isso mesmo ainda mais fascinadoras as torna, mas não usam d'ella para captivar os estrangeiros. Se é verdade, como lêmos recentemente, que uma cigana é hoje na Russia condessa de Tolstoi, o facto é de tal modo excepcional que não destroe a regra. Uma cigana, Margarida, foi amante do nosso rei D. João V, mas nem por isso se conservou menos esquiua. A estranheza d'essa raça tem sido a tentação de todos os artistas, principalmente dos românticos, desejosos sempre de explorar os campos menos banaes. Walter Scott fez de uma cigana, Meg Merrilins, um dos personagens mais notáveis do seu *Guy Mannering*, Mérimée tomou uma cigana para protagonista de um dos seus mais bellos romances *Carmen*, Balfe, o grande maestro inglez, escreveu uma opera com esse assumpto — *Cigana*. A nossa gravura é copia de um esplendido quadro do pintor francez Connick. Esse não romantizou o seu assumpto, escolheu uma das mais bellas entre as filhas d'essa raça errante, e reproduziu-lhe as feições de um modo tal que nos põe diante dos olhos, em toda a sua estranha realidade, uma d'essas physionomias em que ha não sabemos que vagos reflexos das esphinges que por tantos seculos contemplaram, na nudez dos desertos egypcios, as suas remotas ascendentes.

CARLOS I NO CADAFALSO. — Foi no dia 30 de janeiro de 1649, que a cabeça do monarcha inglez caiu no cadafalso de Whitehall mandado erigir por Cromwell; 124 annos depois caiu no cadafalso da praça da Revolução a cabeça de Luiz XVI, mas essa tragedia é mais dolorosa do que a primeira, porque Luiz XVI não foi um combatente, foi simplesmente uma victima, a victima expiatoria de doze seculos de tyrannia; Carlos I vencido na lucta que travára com os seus subditos subiu ao cadafalso a que subiria Cromwell se a sorte houvesse decidido de um outro modo a contenda.

N'este cadafalso de Whitehall ha ainda o quer que seja de romanesco e de heroico. Aquella bella cabeça que Van Dyck immortalizou parecia destinada a ser mostrada por um algoz mascarado ao povo fremmente de Londres. Aquella execução era ainda principessa e solemne. O cadafalso forrado de negro estava ligado com o palacio por uma abertura praticada durante a noite. Carlos I, de cabeça erguida passou sem descer ou subir um degrau, do palacio para o patibulo. Acompanhava-o o arcebispo Juxon, cercavam-n'o os coroneis como se elle fosse commandar uma ultima parada, o algoz esperava as suas ordens, e no proprio patibulo um gentil menino lavado em pranto lhe offerecia uma rosa, a flor de sangue, a flor do cadafalso. E havia pouco tempo que elle se apeara do seu corsel de batalhas, que comparecera, com o labio despresador, perante o

tribunal que ia julgar-o. Que differença de Luiz XVI! Esse passava da prisão do Templo para a carcere ignobil, d'ahi para a guilhotina vulgar, cercado de rudes soldados de cachimbo na bocca e de barrete phrygio na cabeça, humilhado, aviltado, com a sua cara burgueza e pacifica, o seu ventre proeminente, o seu olhar amortecido. A morte na guilhotina era a coroação de uma serie de humilhações prosaicas, ia alli desprestigiado e descingido da auréola monarchica, e só a serenidade do seu animo, a sua coragem pacifica e a sua bondade ingenua conseguiram dar a essa guilhotina ignobil um relevo que a tornou sagrada como um instrumento de martyrio.

No cadafalso de Whitehall fôra apenas decapitado um rei, mas na praça da Revolução fôra decapitada a realza.

ALGUNS TYPUS DE ALIENADOS. — Darwin escreveu um livro admiravel sobre a *Expressão dos sentimentos humanos*. Estão elles effectivamente sujeitos a regras scientificas tão rigorosas que nos paizes mais diversos do mundo, nas physionomias mais variadas, podemos ter a certeza de que a manifestação de um certo sentimento corresponde a contracção de um certo musculo, um certo e determinado movimento de pupilla. Por isso acontece que perante estes quatro retratos, feitos sobre photographias de quatro alienados no hospital de Bruxellas, não sentimos a minima estranheza como se tivessemos encontrado ainda hontem em alguma parte essas lugubres mascararas.

É porque essa doença terrivel que ataca as faculdades intellectuaes, que desequilibra o cerebro, que annulla o homem intelligente e o muda n'uma fera, n'um bruto, n'um ser inconsciente é comtudo a parte commum, e em todas as physionomias humanas produz iguaes devastações.

Vide essa mulher de longos cabellos soltos, de olhar desvairado e vago, não precisais de que vos digamos que está alli caracterizada a demencia mais absoluta e mais completa, o desarranjo do mechanismo cerebral; sabemos já que n'essa cabeça ha impossibilidade absoluta de se formarem duas idéas concatenadas e logicas, bate sem tem nem som por baixo d'essa fronte devastada a mola real d'este relógio humano.

Esse homem de cabello cortado á escovinha, de olhos fixos e terriveis, de labios apertados, é um doido furioso. Sente-se que não pôde haver senão movimentos violentos n'aquellas mãos crispadas, que não terá senão idéas de morte e de lucta, esse cerebro infeliz sobre-excitado por alguma angustia profunda e terrivel, que lhe inflamou a rrazão e lh'a conserva em chammias, em quanto o seu organismo se vae a pouco e pouco anniquilando.

O outro é um idiota. Apagou-se completamente a luz da razão dentro d'aquelle cerebro. Ficou em trevas aquella alma. A vida vegetativa é a que permanece ainda! Que tristeza faz a contemplação d'esses cadaveres animados, d'esses templos em ruinas onde não brilha já uma lampada, onde emmudeceu a oração!...

A quarta é uma antiga comediente. Essa causa tedio e repugnancia. Victima de excessos alcoolicos, caiu nas garras do *delirium tremens*, essa fatal doença que parece como que uma punição celeste das antigas lendas, como se um vingador terrivel tivesse condemnado aquella que só se comprazia na bacchanal a ter para sempre estereotypado nos labios o riso sordido da embriaguez, a ter perpetuamente e dolorosamente vibrante nos nervos o delírio ficticio que ella procurava d'antes nas taças do pomche inflam-

mado. E veio a velhice, vieram as rugas, os cabellos brancos, os dentes cairam, e a doida bacchante conserva sempre hediondo, ignobil, o stygma perpetuo da orgia, como esses reprobos da *lenda dos bailarinos* que dançavam perpetuamente, em punição de não terem interrompido as suas danças quando o sino da ermida proxima chamava os fieis á missa nocturna do Natal!...

O DOMINGO HISTORICO

11 de setembro de 1823 — Morte de Correia da Serra

Entre os sabios que nos fins do seculo passado e principios do actual, alargaram pelos seus trabalhos os conhecimentos humanos nos dominios da historia natural, occupa um lugar distincto José Francisco Correia da Serra, mais conhecido pela denominação franceza de abbade Correia e cujos escriptos são ainda hoje citados com louvor nas modernas obras da botanica.

Nasceu este nosso illustre compatriota na villa de Serpa, no Alentejo, a 6 de junho de 1750, sendo filho do bacharel em medicina Luiz Dias Correia e de sua mulher D. Francisca Luiza da Serra. Passando com a familia a Italia foi educado em Roma e recebendo ordens de presbytero disse a sua primeira missa em 1775, na basilica de S. Pedro. Em 1777 regressou á patria onde o marquez de Pombal lhe promettera um bom emprego, encontrando, porém, já morto El-Rei D. José e exilado o omnipotente ministro, valeu-lhe a estima de alguns sabios portugueses, que o conheciam de nome, e depois a amizade do duque de Lafões que com elle travára relações na Italia e que voltava a Portugal das suas largas viagens pela Europa.

O illustrado principe levou Correia da Serra para o seu palacio, e foi então que esses dois homens amantes do progresso das sciencias e das letras, traçaram o projecto da organização da Academia Real das Sciencias, projecto que em breve se tornou uma realidade sendo os estatutos d'essa corporação approvados em 24 de dezembro de 1779.

Nomeado secretario perpetuo da Academia trabalhou com fervor em promover o engrandecimento da nova instituição, e ao passo que mantinha seguida correspondencia com as outras sociedades estrangeiras do mesmo genero, prefaciava alguns monumentos historicos, que se haviam conservado ineditos, e cuja impressão elle dirigiu por conta d'esse corpo scientifico.

D'estas fadigas o affastaram desgostos graves, provocados talvez pelos invejosos, e deixando a patria em 1786 aproveitou-se d'esse exilio para mais intimamente se relacionar com os sabios estrangeiros, que já o conheciam como academico, mas que tiveram assim occasião de avaliar de perto o subido talento e grande illustração de Correia da Serra.

Volvendo de novo a Lisboa ainda outra vez teve de seguir o caminho do exilio, porque levado do seu animo bondoso offereceu hospitalidade e conservou por algum tempo escondido n'um quarto da Academia o celebre naturalista Broussonet, que fôra obrigado a sahir de França por estar envolvido na perseguição feita aos girondinos.

O intendente da policia, Manique, logo que teve noticia d'esse facto, mandou passar ordem de prisão contra Correia da Serra e o seu protegido; os dois sabios, porém, conseguiram escapar-se para Gibraltar e d'ahi passaram a Inglaterra, onde o nosso academico publicou interessantes memorias sobre

varios pontos da botanica em diferentes jornaes scientificos.

Em 1801 recebeu a nomeação de conselheiro da legação portugueza em Londres, mas em breve foi exonerado, segundo se diz por intrigas do nosso em-

Partindo depois para os Estados Unidos viveu ahi primeiro como particular, professando um curso de botanica em Philadelphia, e sendo por fim, em 1816, nomeado ministro plenipotenciario da nossa côrte junto do governo da republica.

lhe aconselhavam, e n'essa villa falleceu, a 11 de setembro de 1823.

Correia da Serra mais propenso por genio a ler e meditar do que a escrever, sô com difficuldade se resolvia a pegar da penna, e por isso não é grande o



A CIGANA DO PANDEIRO.

baixador n'aquella côrte, e transferiu-se para Paris, onde permaneceu até 1813, dedicando-se aos seus estudos favoritos e publicando n'essa epocha varios trabalhos não sô de botanica mas tambem sobre o estado das sciencias e letras em Portugal, sobre a agricultura dos arabes na Peninsula e sobre a instituição da ordem de Christo.

Em 1821 voltou a Lisboa, exerceu novamente as funções de secretario da Academia, e foi eleito deputado ás côrtes em 1822, pelo districto de Beja, mas a sua avançada idade e as doenças não lhe permittiram desempenhar esse papel importante na politica.

Aggravando-se-lhe os padecimentos dirigiu-se ás Caldas da Rainha para fazer uso dos banhos, que

numero de trabalhos que d'elle nos restam, mas, como já dissêmos, foram os sufficientes para lhe dar uma reputação europêa. A consideração e respeito que por elle tinham os homens mais eminentes do seu tempo vingaram a injustiça da patria que não soube apreciar-lhe o talento nem mesmo recompensar os serviços.

A. O.

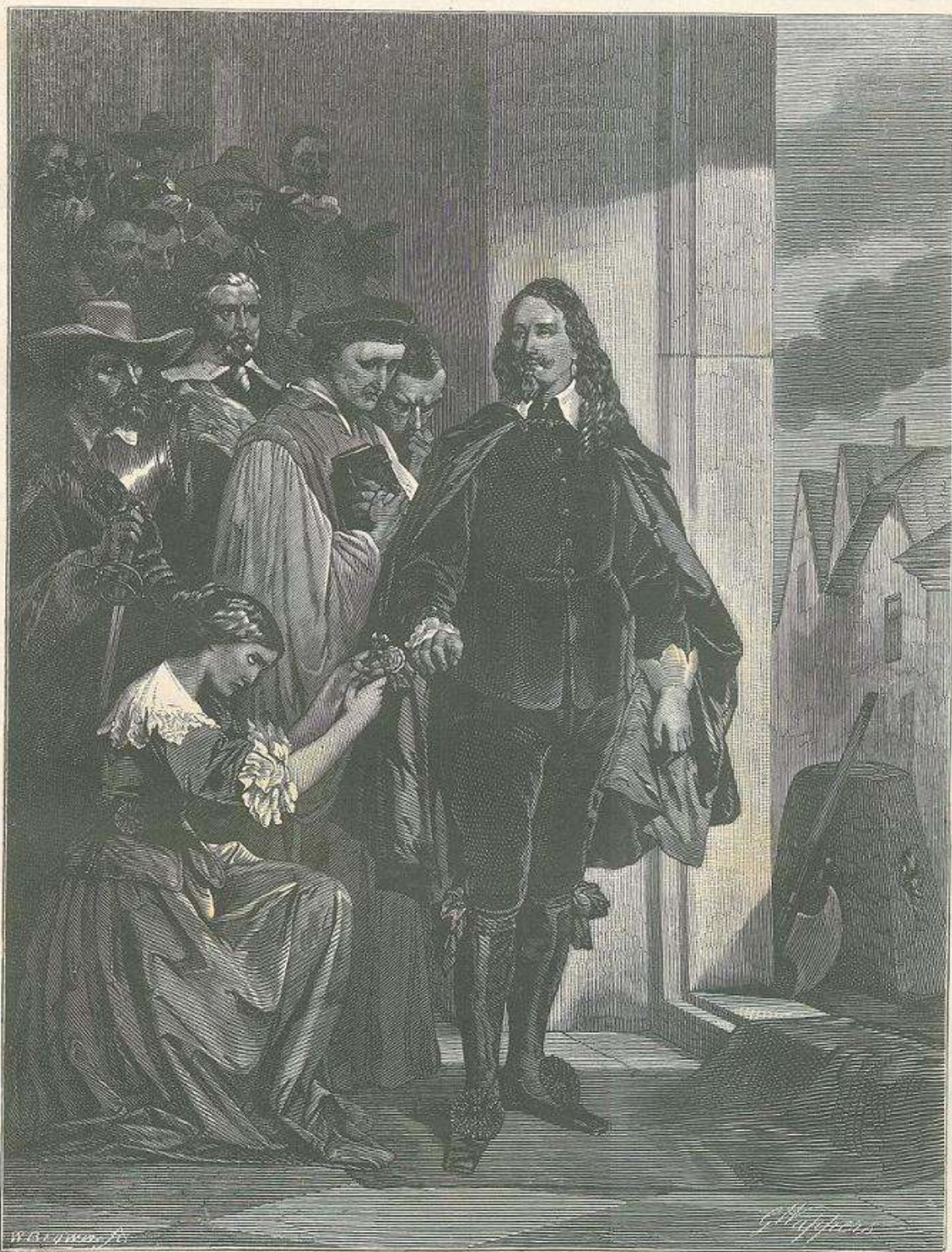
O COLLAR DE PEROLAS

Isto não se passou em Lisboa.

Era escusado dizel-o, porque quem lesse o conto logo o comprehendia.

canaille sempre a mostrar os seus dentes brancos e afiados, com o seu olhar claro, a que um ligeirissimo strabismo dava uma nota picante e sensual, a fi-tar-se demoradamente em todos os olhos que a mi-ravam.

nas cearas de Hespanha costumam chover gafanhotos; as mais bellas joias de New-York caminhavam todas as noites, dentro dos seus coxins de veludo para o seu camarim, e Mariette com um grande juizo, com uma honestidade pacata, que estava a



CARLOS I NO CADAFALSO

Foi na America, creio eu, pelo menos assim m'o contaram, onde ha actrizes formosas que vendem o seu amor por perolas pretas, e onde ha gente que lh'o compra por esse preço. Já vêem que a historia não se passou em Portugal.

Mariette era a parisiense mais provocante, mais deliciosa que se póde imaginar, com o seu sorriso

Ninguém cantava a opereta como ella a cantava. Na sala havia todas as noites fremitos de enthusiasmo e delirios de sensualidades.

É que não se imagina o que era a *Perrichole*, a *Mademoiselle Lange*, o *Petit-Duc*, a *Mascotte*, vivendo n'ella em scena!

Nos bastidores as declarações choviam-lhe como

brigar com a desenvoltura acanhada da conviva do Vice-Rei do Perú, e da amante de Barras, repelia com a mesma energia tacita as joias e as declarações e conservava-se n'um alto nivel honesto de inconstabilidade que fazia seismar muita gente e desesperar toda.

Namorados conheciam-se-lhe immensos, quasi to-

da a população masculina e elegante de New-York, mas amantes nem um.

E era para ver todas as noites a *queuse* que essa enorme multidão de namorados fazia à porta do seu camarim.

E todos a crivavam de declarações e offerecimentos, todos queriam que ella lhes accitasse o coração e algumas joias.

Ella não accitava nenhuma d'estas coisas. Uma noite porém, fez uma concessão a um, accitou uma joia, uma simples perola preta, uma perola do tamanho d'uma tamara, que ella vira no melhor ourives da America, em troca d'um beijo...

Cheio de alegria, de prazer, de esperanças, na manhã seguinte, o apaixonado feliz levava a casa de Mariette a perola preta desejada, e recebia em beijos sonoros o que essa perola lhe custara em sonoros dollars. Mas á noite, quando entrou no camarim da formosa parisiense fez-se livido; — Mariette tinha ao pescoço um enorme collar de perolas negras, irmãs d'aquella que elle lhe mandara.

Mariette, apertando-lhe a mão disse-lhe n'um segredo adoravel, chegando a sua bocca rosada á orelha vermelha d'elle.

— O que tem? Está tão pallido?

— O que tenho? imaginava que a minha perola não tinha tantas companheiras.

— Ah! Ah! Ah! respondeu ella com uma gargalhada, oxalá que o fossem; a sua perola está perfeitamente só.

— Só? repeliu elle. sarcastico.

— Só? tornou ella com um tom serio, formal, sincero, que quasi o convenceu.

— Só! E então todas essas perolas que formam o collar? perguntou elle, esperando esmagal-a.

— Estas perolas são todas falsas! A unica verdadeira é a sua.

— Juras-m'o?

— Juro.

O yankee ficou radiante de felicidade, e poz-se a amar Mariette com todo o amor do seu coração e com todos os dollars da sua burra.

Mas durou-lhe pouco essa felicidade.

D'ali a pouco tempo, uma bella manhã, Mariette fugiu com um tenor italiano, deixando todas as suas joias aos seus credores que eram numerosos, em pagamento das suas dividas que eram numerosissimas. Houve leilão, e n'esse leilão appareceu o collar de perolas pretas.

Quando o collar ia ser posto em lance, um elegante rapaz louro pediu para dizer uma palavra ao corretor.

— Venho prevenil-o d'uma coisa, disse-lhe elle, este collar conheço-o perfeitamente: é falso: tem só uma perola verdadeira é a que eu dei á sua dona, quero ficar com ella seja porque preço for, cubro todos os lances.

— Perfeitamente, eu ignorava esse pormenor, porque o nosso contraste tomou o collar todo por verdadeiro.

— Pois não é, só a minha perola é que é verdadeira.

Quando o rapaz louro sahia do gabinete do corretor entrava outro louro:

— Venho prevenil-o, disse elle que essas perolas são falsas, verdadeiras ha só uma, a minha quero ficar com ella e cubro todos os lances.

— Perdão, mas..., disse o corretor estupefacto.

— Cubro todos os lances, já lhe disse, e sahii.

N'esse momento entrou um diplomata russo que queria fallar ao corretor.

— Venho participar-lhe, senhor, que o collar de perolas que vae ser posto em leilão é falso...

— Já sei, já sei, disse-lhe o corretor aturdido.

— Só uma perola é verdadeira, é a...

— É a sua, também já sei.

— Como já sabe?

— E cobre todos os lances? perfeitamente!

O diplomata olhava-o com uns olhos esbugalhados...

N'isto entrava um addido da embaixada allemã, e depois um medico, depois um banqueiro, dois jornalistas, tres deputados, cinco ministros, oito consules, dez negociantes, ao todo umas 33 pessoas a declarar que o collar era falso e que tinha só uma perola verdadeira — a sua; mais sete perolas que as que o collar tinha!

GERVASIO LOBATO.

HORAS DE OCIO

Problema geometrico



Dividir uma parte do seguinte quadrado, em 4 partes iguaes, e dividir tambem em quatro partes iguaes o espaço que restar: e com as 8 partes obtidas formar uma cruz.

UM MASCARA VERMELHA.

Phantasia arithmetica

Um lavrador possuia na sua herdade 300 touros; pretos, brancos, e raiados. Contando os pretos a 3 e 3 ficam 2, 4 e 4 restam 3. Contando os brancos a 5 e 5 ficam 4 e a 6 e 6 sobram 5. Contando os raiados a 7 e 7 ficam 6 e a 9 e 9 ficam 8.

Quantos eram os touros? quantos os brancos? quantos os pretos? quantos os raiados?

JOSÉ GASPAR.

Enygra

Sou de pedra e não pequena,
Não tenho pés, nem cabeça;
Mas tres pernas só de um lado,
Sem contudo ser tripeça

Mas, se uma letra me trocam,
Talvez que deixe de ver;
E, mudando então de genero,
Não passo de pedra ser.

ALEXANDRE DE OLIVEIRA.

Palavras quadradas

Descobrir tres palavras e formar com ellas um quadrado de cinco linhas, de forma que a 1.ª e 5.ª linhas dêem o mesmo resultado, lendo-se horizontal e verticalmente, de diante para traz e de traz para diante, devendo succeder o mesmo na segunda e quarta; e devendo na terceira achar-se ainda o mesmo resultado, lendo-se em cruz, de traz para diante e de diante para traz.

FRANCISCO AUGUSTO NUNES PONSÃO.

Embrulhada historico-geographica

Formar um nome de um poeta portuguez, tirando uma letra a cada um dos seguintes rios.

Lima, Niza, Tamega, Vouga, Mondego, Alviella, Tejo, Alfagoueira, Silves, Zezere, Douro, Ave, Minho, Odemira, Sado.

JUPITER.

Pergunta indiscreta

Qual é a ribeira portugueza que desempenha papel mais importante no vestuário da humanidade?

UM OFFICIAL INFERIOR DE CAÇADORES 4.

Lexicologia

A X X S

SANCHLET.

Soluções dos problemas do n.º 27 que ficaram de remissa por motivo de atraso na expedição da correspondência.

Embrulhada mythologica.—Francisco Augusto Nunes Ponsão (Odemira), Julião Duarte Martins (Castello Branco).

1.º Proverbio.—Francisco Augusto Nunes Ponsão (Odemira), Um official inferior de caçadores 4 (Tavira), Antonio G. de Oliveira Santos, Julião Duarte Martins (Castello Branco), J. Fernandes de Freitas.

Phantasia arithmetica.—Um official inferior de caçadores 4 (Tavira).

Problema geometrico.—Um official inferior de infantaria 4, José Joaquim Guerra. (Tavira)

Soluções dos problemas do n.º 28

J U N O

U S A R

R A R A

O R A R

Pergunta indiscreta.—Rua das Barrellas,

Phantasia arithmetico-poetica.—João entrou com 103006 réis, Paulo com 2994, Luiz com 143000 réis.

Soluções certas

Palavras quadradas.—Os mascaras vermelhas, Alexandre Augusto de Oliveira, A. Portucalensis, A. G. de Oliveira Santos, Joaquim Ricardo dos Reis Pereira (Cadaval), José dos Santos da Cruz (Castello Branco), Sebastião Correia dos Santos (Alenquer). Nobody.

Pergunta indiscreta.—A. Portucalensis (apezar de não ser a mesma a sua solução que a que desejavam os *Pierrots*, mas era tambem accetavel), Edipo, Vasco (Coimbra).

Phantasia poetico-arithmetica.—Os mascaras vermelhas, Sebastião Correia dos Santos, Alexandre Augusto de Oliveira, Edipo.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améno

(Continuado de pag. 223)

XVI

No dia seguinte a esta arriscada peripecia, n'uma das yurtes, chamadas de refugio, que de distancia em distancia se erguem nos caminhos da Siberia, via-se uma alegre companhia descuidosamente estabelecida em volta de um grande fogo claro. O fumo sahia pelo espaço deixado para esse fim no centro do tecto conico da yurte.

Grande numero de cães estavam deitados fóra ao pé das duas portas. Bem enterrados na neve para se aquecerem enroscavam as caudas em torno do foci-

nho. Dois cavallos atados a uma estaca comiam a magra ração da forragem.

N'um caldeirão collocado sobre o fogo da yurte cosiam-se os alimentos destinados aos cães.

A alma e a alegria da sociedade era o sr. Lafleur, o infatigável sr. Lafleur. Era elle que depois de fazer a comida e pôr a mesa, — isto é um modo de dizer — excitava cada um a tirar a sua parte de uma excellente refeição, disposta sobre uma pedra, e cuja principal iguaria era um quarto de carneiro selvagem assado primorosamente.

O previdente mestre de dança apercebera-se com esta carne abundante e saborosa, quando saiu do ostrog, que esteve a ponto de ser o limite da aventureira viagem. Grandes postas de salmão fumado tinham feito a sua apparição antes do gigote e das costeletas de carneiro, e o salmão tinha apenas um defeito: fazer muita sede; esse defeito iam elles converter em qualidade.

Os convivas, sentados no chão, de pernas cruzadas, já são conhecidos: eram Yegor, Nadege, Yermac, — este no lugar de honra — depois os dois cossacos, com um appetite devorador, e finalmente Lafleur, o pequeno polaco, e conservando-se modestamente um pouco atrás, os fiéis yakutes Tekel e Chort.

N'aquella noite nada parecia custar ao sr. Lafleur, que sem pena abria a terceira garrafa de aguardente, prodigalidade anteriormente combinada com Yegor Semenoff. Era força que houvesse razões poderosissimas do tratar bem os dois cossacos, para dar tamanho hote ás provisões trazidas por Tekel de Zachiversk. Qual seria o movel de tanta prodigalidade? Grangear a amizade dos dois cossacos? affastal-os de Yermac? fazer com elles algum pacto, alguma combinação? Tudo isto podia parecer incerto, difficil, e em extremo perigoso. Yegor auxiliado pelo sr. Lafleur, trabalhava na realisação de um projecto mais simples e mais seguro: embriagar os dois agentes da auctoridade, e deixal-os ficar no caminho.

— Ha muitos dias, exceptuando o que tivemos hontem no ostrog, dizia o sr. Lafleur, que não nos lambemos com uma refeição tão substancial. Mas o demonio do peixe salgado tem-me feito uma sede — e creio que aos mais succede o mesmo.

E despejou uma nova porção nas vasilhas por que bebiam os cossacos, que sorriam aberta e alegremente mostrando os seus trinta e dois dentes. No seu ar e na boa vontade, com que recebiam as palavras do mestre de dança, pareciam protestar contra as restricções contidas nas palavras do copeiro.

— Vamos, disse Lafleur, bem vejo que são amadores de salmão salgado e fumado. E, dirigindo-se a um dos cossacos, accrescentou: — Como te chamas tu?

— Nicolai, respondeu elle.

— E tu?

— Eu? Ardalião.

— Pois bem, Nicolai e Ardalião... está-me parecendo que o «vodki» abre-lhes o appetite para comer salmão.

E tanto era isso o que os cossacos pensavam, que principiam a rir ás gargalhadas. Quando os seus «ha! ha!» gutturaes se modificaram um pouco, Yermac, que estava inquieto, e que não comia, havia já um bom quarto de hora, tomou a palavra:

— Sr. Lafleur, olhe que está fazendo com que esses homens bebam de mais, observou elle.

— Ah! bem sei, respondeu o parisiense n'um tom de alegre bom humor. Os marotos dão um rombo de mil demonios na frásqueira!

— Felizmente já não estamos muito longe do nosso destino, disse Yegor.

Yermac lançou-lhe um olhar tão severo, que correspondia quasi a um desorientado. Yegor compreendeu-o, e desviou os olhos.

— Repito que os obriga a beber de mais. E na verdade, sr... Tumanoff, addicionou elle ferindo a palavra, quando se está encarrregado de acompanhar uma pessoa bem educada, como esta senhora, deve haver todo o cuidado em evitar a companhia de gente assim...

— Oh! exclamou Nadege, não tenho tempo nem para ser tão susceptivel...

— Oh e lá, aquelle sujeito quer impedir que bebamos, disse um dos cossacos acotovelando o companheiro.

— Agora que nos estão obsequiando, disse o outro. Sempre tem cada ideia o padre polaco!

— E' um dominicano, murmurou o sr. Lafleur ao ouvido do cossaco, que acabava de fallar.

— «Bichano... bichano»... disse Nicolau passando a mão pelas costas do chefe da policia, como se afagasse um gato.

— Olá, meus amigos, disse Yermac, adiantam-se de mais. Se soubessem quem sou eu, talvez se arrependessem do que têm feito; basta uma palavra para os fazer entrar na ordem.

— Então quem és tu? perguntou Ardalião.

— Quem sou eu? respondeu Yermac. E sem hesitar um instante, decidido a obrigar os cossacos a cumprir o seu dever, accrescentou com auctoridade: Sou o chefe de policia de Yakutsk.

Julgava elle que estas palavras cahiriam como um raio no meio dos assistentes.

Enganou-se.

— É boa! exclamou Ardalião, dando uma forte pancada nas costas de Yermac.

— O que elle não quer é deixar-nos beber! Sim! disse o outro cossaco. Os demonios me levem se elle já não está tambem com a cabeça a roda!...

— Ilão de arrepender-se de tanta insolencia! exclamou o chefe de policia.

— Tem muito mau vinho... observou Nicolau.

— Para que lhe dá? perguntou Ardalião.

— Não faças caso d'elle, replicou Nicolau; d'ahi não vem senão mal!

— Pois consente, senhor Semenoff, — Tumanoff, quero dizer — que me insultem na sua presença?

— Então que quer? Eu proprio estou habituado a soffrer tanta coisa! disse Yegor.

— Façam as pazes! façam as pazes! gritou o mestre de dança. E bebamos todos em signal de sincera reconciliação.

Os cossacos, muito dispostos a obedecer, apresentavam já os copos de madeira. Nicolau disse ao sr. Lafleur: — Exactamente, nobre senhor! E Ardalião fazia esta reflexão proverbial: — Quando se bebe á custa alheia, a bebida não faz mal á cabeça.

O sr. Lafleur encheu primeiramente o copo do chefe de policia.

Yermac, furioso com o papel que o obrigavam a representar, lançou o liquido no fogo, que aquecia o yurti, do qual se ergueu rapida e fugitiva uma chamma azulada.

— Pois não vêem, disse elle aos soldados, que os querem embebedar para lhes pregarem uma peça?

Os dois cossacos, meio ebrios, olharam-se, esfregando um a cabeça, o outro as costas.

— Se fosse verdade! murmurou Ardalião. Porque não bebem elles? perguntou ao camarada.

O sr. Lafleur, que acabava de dar vodki aos dois yakutes, metteu-os á bulha com os cossacos. Estes, deixando os receios, reclamaram agua-ardeente, batendo fortemente com os copos na pedra, que servia

de meza. Ouvindo tamanho barulho, Nadege e Ladislau fugiram para o fundo do yurti.

Yermac resolveu tentar o ultimo esforço.

— Meus amigos, disse elle aos cossacos, recobrem todo o sangue frio, e façam diligencia por comprehender-me.

— Bem! o dominicano vem agora explicar-nos catholicismo, disse Ardalião.

— Não ha meio de nos vermos livres d'elle, accrescentou Nicolau.

— Do que lhes vou dizer depende a vida de ambos, replicou Yermac.

A sua voz era quasi supplicante. Mas os dois cossacos já não estavam em estado de ouvir nada. Principiaram a dizer toda a sorte de chufas e grosserias. Por ultimo, embriagados de agitação, de ruido e de agoa-ardeente, foram deitar-se na extremidade do yurti.

— Era isto o que pretendiam? disse com raiva o chefe de policia, dirigindo-se a Yegor.

— Talvez! exclamou este a meia voz.

Parecia ter medo de acordar os dois soldados. A um signal, que fez a Lafleur, Nadege e Ladislau, cada um tratou de se deitar sem a menor bulha; porém Lafleur e elle tinham sempre um olho aberto. Yermac, tomado de uma viva excitação, passeiava agitado no yurti.

(Continúa)

CORRESPONDENCIA

Mascaras Vermelhas. — O logographo é bom; mas que diabo!... Os versos parecem-se com lord Byron n'uma coisa... Vamos a ver se o caso tem concerto.

J. D. M. — O adagio tem boa cara, mas a solução? Sem a termos nas unhas, não soltamos o problema.

J. R. P. — Já saio alguma coisa. Não vio?

J. P. Sardinha. — Temos ha muito tempo os seus versos em nosso poder, e, de cada vez que publicamos um numero do *Jornal do Domingo*, damos-lhes uma avançada para ver se conseguimos entendel-os, e ainda não fomos capazes. É necessario definitivamente acabarmos com isto.

O sr. Sardinha começa por declarar o seguinte:

Desconfiando do presente
Descrendo do futuro
Esta dor;

Ponto e virgula: Quer dizer, pare lá a procissão que deu aqui uma dór n'este sujeito. Mas essa dór não pode ter um verbosinho. Não? se não pode, paciência: vamos adiante:

Triste me faz descontente
Do mundo avaro e duro,
De furor.

A dór é que o faz descontente? Então se temos verbo, para que diabo lhes pôz um ponto e virgula no meio? E que dór é essa que o faz descontente do mundo avaro e duro de furor? Já é vontade de ligar palavras sem sentido!

O que é mais curioso é que este poeta que se chama *Sardinha* dirigindo-se a uma nuvem negra, diz-lhe d'esta maneira:

Pois já te não move
Deixarem-me só
N'este mar revolto...

Então o que é que o sr. *Sardinha* queria? Queriamos que o pescassem?

Desculpe-nos esta brincadeira; mas olhe que a poesia que nos fez a honra de nos mandar, devêras, devêras, não tem pés nem cabeça.

Empusa.—A sua carta veio depois de estar já composta a resposta que dêramos á anterior. Se a tivesse-

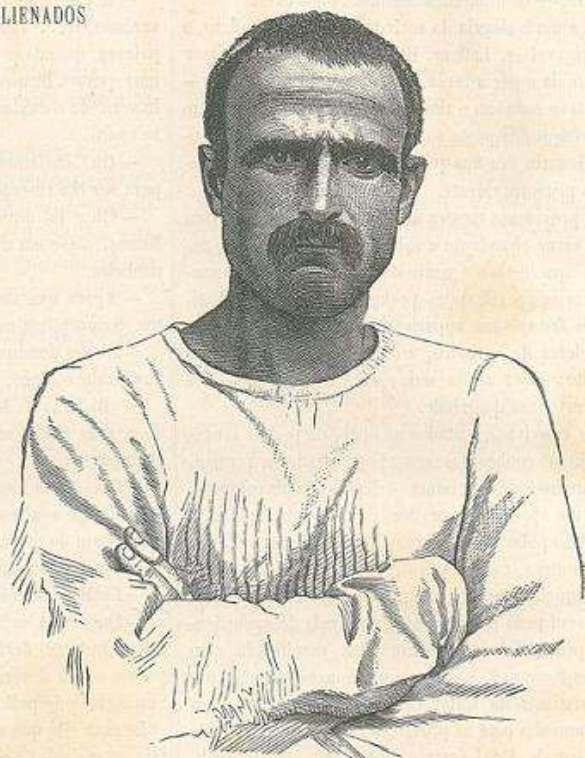
plagiário. Seja massador muito a seu gosto, mas massador sensato. Em originalidade litteraria é que é so-

rece-nos, de nos enviar as soluções dos seus problemas.

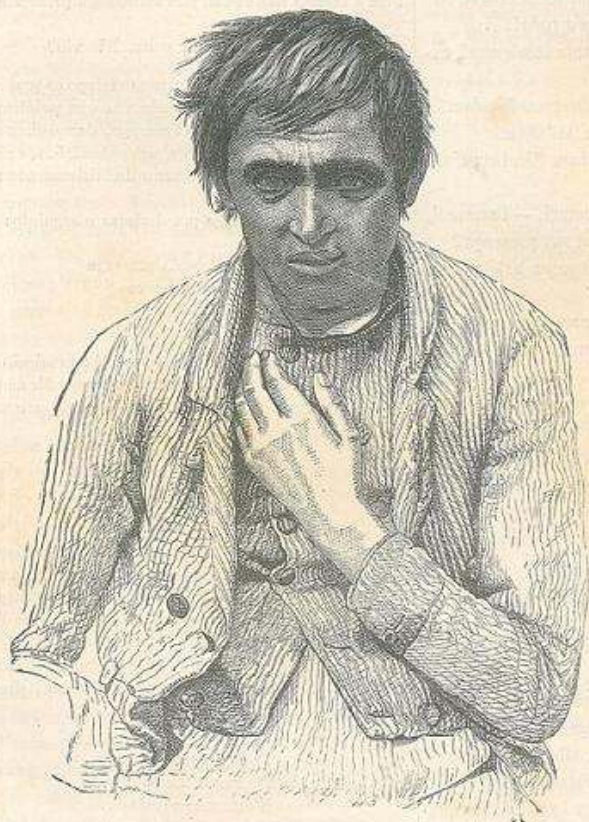
ALGUNS TYPOS DE ALIENADOS



DEMEENCIA



DOIDICE FURIOSA



IDIOTISMO



DELIRIUM TREMENS

mos recebido mais cedo, nem publicariamos a resposta. Agora sempre lhe diremos que o não desejamos

bretudo verdadeiro o famoso dito de Napoleão: *Du sublime au ridicule il n'y a qu'un pas.* Esqueceu-se, pa-

TYP. E LIT. PORTUGUEZA—39, CALÇADA DO TIJOLO, 39 (à rua Formosa)